 Tempo de leitura: 9 min.

O testemunho do P. João Batista Francesia percorre quase quarenta anos de familiaridade com Dom Bosco, a quem conheceu quando menino no Oratório. Emergem o clima de família, o papel materno de Mamãe Margarida, os passeios em Monferrato como instrumento educativo e apostólico, e o nascimento da Congregação Salesiana com o espanto por sua rápida expansão. Francesia recorda a profunda devoção mariana de Dom Bosco, episódios de caridade pastoral, conversões significativas e sua inabalável confiança na Providência. O resultado é o retrato de um educador ardente, sempre voltado para a salvação das almas, capaz de ler os corações, infundir coragem e transformar cada circunstância em uma oportunidade para o bem.

Porque passo a passo ele escalou o céu.

Eu sou João Batista Francesia, de 55 anos, de São Jorge Canavese, salesiano, Inspetor da província piemontesa. Sou formado em Letras.

Conheci Dom Bosco em 1850 (*Francesia tinha 12 anos*). Havia poucos dias que eu estava em Turim com meus parentes, quando no dia de Todos os Santos (*7 de novembro*) fui convidado por um primo meu para ir à casa de Dom Bosco. Ele me disse: «Venha para a casa de Dom Bosco, ele é um bom padre, gosta muito dos jovens. Hoje é a festa de Todos os Santos e ele nos dará castanhas». Eu fui. Ao entrar no pátio, vi um padre vindo ao meu encontro: era Dom Bosco. Ele colocou a mão sobre minha cabeça e depois me falou em voz baixa, dizendo: «Você estaria disposto a me dizer duas palavras ao ouvido?». «Sim, sim», respondi. «Mas você sabe o que eu quero dizer?». «O senhor quer dizer para eu me confessar». «Muito bem, você adivinhou direitinho». Fiquei no Oratório até tarde da noite, participando do canto das vésperas, do sermão e da bênção. Depois, Dom Bosco nos acompanhou até fora do Oratório, uns trezentos metros, onde cantamos um hino, e então cada um foi para sua casa.

A partir daquele momento, comecei a frequentar o Oratório festivo e, dois anos depois, fui acolhido em casa como estudante; em seguida, fui clérigo e padre de Dom Bosco, como sou atualmente, e assim desfrutei da familiaridade de Dom Bosco por trinta e oito anos.

«Nos últimos anos, Mamãe Margarida não dava mais conta»

Os pais de Dom Bosco foram Francisco e Margarida Occhiena, natural de Capriglio. Eu conheci apenas a mãe, porque o pai, como ouvi dizer, havia morrido quando Dom Bosco tinha apenas poucos anos... A mãe gozava de boa estima entre todos que a conheciam, como uma mulher que cuidava bem de seus filhos, criando-os cristãmente. E, de fato, tendo-a conhecido por sete anos no Oratório, acho que a fama não era nem um pouco exagerada. Vestia-se modestamente e como uma simples camponesa, cuidava de todos os afazeres do Oratório, era uma mãe para todos, e todos a chamavam de «mamãe». Quando Dom Bosco queria apresentá-la a algum forasteiro, via-se que ela sofria com isso em sua humildade. É minha opinião que essa boa mulher sentiu muito desgosto ao se ver, nos últimos anos, incapaz de realizar todas as tarefas, devido ao número crescente de jovens. Frequentemente, ela ia até Dom Bosco e dizia: «Há tantas coisas para fazer, e eu não consigo mais». Ao que ele respondia: «Fique tranquila. Não trabalhe tanto! O que a senhora não puder fazer, mandaremos outros fazerem». Em sua velhice, Dom Bosco fez com que ela recebesse toda a atenção que bem merecia.

Os passeios em Monferrato (1852-1864)

Quando Dom Bosco teve que pensar no descanso *(de seus jovens)* após as fadigas anuais, pensou em fazer os passeios em Monferrato, levando consigo cerca de cem jovens com a banda de música. À primeira vista, poderia parecer que aquelas caminhadas, que duravam até quinze dias, tinham como único objetivo o alívio e a diversão dos jovens. Mas nós víamos como Dom Bosco as direcionava para o bem cristão das pessoas. Nas cidades onde os jovens paravam, pela manhã eles se aproximavam dos sacramentos na igreja paroquial, cantavam a Missa com música; à noite, as ladainhas, a bênção com o Santíssimo Sacramento: uma função religiosa da qual o povo participava com singular recolhimento. Após a função, frequentemente se apresentava uma peça de teatro, em um lugar onde todos

pudessem assistir.

Com esses divertimentos honestos, impediam-se bailes públicos e outros espetáculos mundanos. À noite, éramos hóspedes de seminários, casas paroquiais, casas de boas pessoas designadas pelo pároco local. Alguns de nós, mais velhos, supervisionávamos o bom andamento moral.

Em um desses passeios, estava estabelecido que se faria a festa do Sagrado Coração de Maria em Vignale *(Alessandria)*. Toda a função foi confiada a Dom Bosco, a seus padres e a seus jovens. A notícia da festa atraiu muita gente, inclusive dos arredores, e a igreja da cidade estava lotada de pessoas.

No momento da pregação, todos estavam pendentes dos lábios de Dom Bosco, mas mais do que todos, o pároco. Este, desde as primeiras palavras, postou-se diante do púlpito e não perdeu mais uma palavra. Quando Dom Bosco narrou o fato da instituição da Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria em Paris, o pároco começou a chorar, e chorou até o fim. Depois, correu para a sacristia, onde Dom Bosco descia justamente pela escada do púlpito. Lançou-se a seus pés, exclamando entre soluços: «O senhor não veio para pregar às ovelhinhas, mas ao pastor». Dom Bosco queria levantá-lo dali, mas não houve jeito. Aos poucos, recobrada a calma, ele entrou em conversas íntimas com Dom Bosco, e combinaram de dar uma missão popular ao povo. Encarregou Dom Bosco de enviar os pregadores, entre os quais estava o P. João Cagliero, agora bispo *(O fato ocorreu no outono de 1862)*.

O nascimento da Congregação Salesiana

A Congregação Salesiana tomava cada vez mais forma na mente de Dom Bosco. (...) Em 1862, talvez em maio, foram emitidos os votos por ele e por aqueles que estavam inscritos, entre os quais eu mesmo. *(Eram 22 mais Dom Bosco, e era 14 de maio)*.

Lembro-me que então Dom Bosco disse estas palavras: que nós devíamos nos considerar como soldados da Igreja e do Papa, e que com a ajuda de Deus e nossa, aquela humilde sociedade contaria com não menos de mil membros no espaço de 25 ou 30 anos, e se espalharia por muitas partes do mundo.

Nós que o ouvíamos, nos parecia impossível que aquela sociedade, que ele

chamava de humilde e de fato era, viesse a se multiplicar tanto. Hoje, após 32 anos *(o P. Francesia dá este testemunho em 1894)*, vemos cumprida amplamente a palavra de Dom Bosco, pois os inscritos e os professos *(da Congregação Salesiana)* superam os mil e quinhentos, entre os quais mais de quatrocentos sacerdotes.

«Quando Dom Bosco abençoou minha mãe atingida pela cólera»

Ele nos dizia frequentemente que tudo o que havia sido feito no Oratório, Deus quis que acontecesse por intercessão de Maria Santíssima. Na última conferência que fez aos Salesianos em 1886, na festa da Imaculada Conceição, repetia frequentemente: «Deus quis nos dar tudo pelas mãos de Maria».

Eu me lembro que em 1854 *(Francesia tinha 16 anos)*, fui chamá-lo para que viesse confessar minha mãe, que havia sido atingida pela cólera. Ele, antes de vê-la, passando em frente ao Santuário da Consolata, me disse: «Se você me prometer que, quando for padre, pregará a devoção a Nossa Senhora e propagará seu culto, sua mãe ficará curada». E minha mãe não só se curou, mas viveu ainda por mais de vinte anos.

A conversão do cavaleiro Federico Oreglia di San Stefano

Lembro-me do empenho que Dom Bosco empregou para ganhar para o Senhor um jovem, por mim bem conhecido, muito afeito aos divertimentos do mundo. Esperava-se também na família *(o tio de Federico era o cardeal Oreglia)* que a proximidade de Dom Bosco lhe fizesse bem. Exortaram-no a fazer os exercícios espirituais em Santo Inácio, perto de Lanzo, porque se sabia que Dom Bosco estava lá. Ele conversava com este jovem também sobre ginástica, música e tantas outras pequenas coisas. Esse comportamento gentil começou a lhe render um pouco de amizade e, depois, toda a confiança.

Dom Bosco nunca lhe disse outra coisa senão: «Senhor cavaleiro, veja que temos muitos assuntos a tratar...». «E quais seriam?». E Dom Bosco: «O senhor me pergunta? Nós temos que tratar do assunto da alma!».

Essa linguagem franca penetrou no coração daquele jovem vaidoso, que começou a frequentar Dom Bosco e, depois, a lhe dizer: «Quero me confessar». Dom Bosco

naquele dia estava atormentado por um furúnculo que lhe dava febre, mas não se rendeu e ficou tranquilamente a ouvir a confissão do jovem cavaleiro. Depois de algum tempo, porém, ele desmaiou e caiu em seus braços. Este foi o golpe de misericórdia. Acreditando que ele estava morto, depositou-o na cama e chamou por ajuda. Todos estavam ao redor da cama quando Dom Bosco recobrou a consciência e, olhando ao redor, disse: «O que estou fazendo aqui?». Levantou-se e quis continuar a confissão. Todo esse conjunto de circunstâncias serviu para ganhar cada vez mais a alma daquele jovem. Ele decidiu deixar o mundo e se retirou em nosso Oratório. Depois, foi se tornar religioso da Companhia de Jesus.

«Não vê que todos estão nos deixando?»

Assim que a obra da Congregação começou, vencidas as dificuldades externas, começaram as internas.

Lembro-me que uma vez, vendo que muitos se afastavam, tomei a liberdade de dizer a Dom Bosco: «Não vê que todos estão nos deixando?». Ele me respondeu: «Deus não precisa de ninguém. Somos nós, suas pobres criaturas, que devemos ser gratos a Ele por nos ter chamado! Se não fizermos nós, Deus chamará outros, que ouvirão melhor a sua voz. Verás como o Senhor proverá para reocupar os lugares que ficaram vagos! Olha, eu me lembro que quando no início do Oratório fui abandonado por todos, Deus me fez ver a igreja, a casa, os clérigos, os padres... Perguntavam-me: “Mas onde eles estão?”. E eu respondia: “Agora ainda não estão aqui, mas eu os vejo. Se tiverem paciência, verão também todas essas coisas!”. “Mas que hábito terão esses clérigos e padres?”. Eu respondia: “Devem ter o hábito da virtude”. Essa resposta os convencia de que eu era louco. Mas, enquanto isso, veio o Oratório, a igreja, os pórticos, os clérigos e os padres. Não duvides: venceremos também esta dificuldade».

«Deus ainda quer muito de mim, preciso me apressar»

Quando Dom Bosco começou o Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, um de nós lhe disse: «Caro Dom Bosco, com tantas dívidas que o Oratório tem, por que faz outras?». Ele respondeu: «O que você quer? Sinto que tenho pouco tempo de vida, e Deus ainda quer tanto de mim. Preciso me apressar, não posso evitar».

Tudo o que ele empreendeu foi pelo grande amor que tinha pela salvação das almas e pela glória do Senhor.

«Dom Bosco, se começa uma obra, ele a termina»

Todos nós éramos da opinião de que Dom Bosco sempre teria sucesso em seus empreendimentos, porque era apoiado pela Providência de Deus. Uma vez, me convenci de que até as pessoas de fora pensavam assim. Eu estava no bonde ao longo do rio Pó, no ano de 1884 ou 1885. Uma pessoa, olhando para a colina, viu uma igreja ainda não terminada (e não está nem agora, em 1894). Disse: «O que é aquela construção lá em cima?». «Deve ser uma igreja». «É por acaso de Dom Bosco?». Outro respondeu: «Certamente não. Aquele lá, se começa uma obra, ele a termina. Eu lhes garanto que aquela construção não deve ser de Dom Bosco». *(Era um templo iniciado pelo Cônego Ortalda, diretor da Propaganda da Fé em Turim. A construção daquele templo foi interrompida por falta de fundos e permaneceu inacabada por cerca de 80 anos)*.

Enquanto isso, o bonde nos havia levado em frente à igreja de São João Evangelista, e o mesmo indivíduo concluiu dizendo: «Esta é de Dom Bosco!». Eu não conheci aquela pessoa que falava com tanta precisão de Dom Bosco, que com a ajuda da Providência havia realizado tantas obras.

Nos últimos anos de sua vida, Dom Bosco esperava com alegria o carteiro com as cartas registradas e com valor declarado, que ele geralmente chamava de «sua providência». Contente então com o que recebia, mesmo que fossem apenas cinco liras, dizia várias vezes: «Deo gratias! Graças a Deus! Melhor isso do que um soco no olho, por mais forte que seja».

As mulas e seus condutores

Lembro-me que um dia Dom Bosco passava por onde hoje é o pátio *(ao lado da Basílica de Maria Auxiliadora)*, e que na época era uma via pública e uma estrebaria para mulas. Ele, evitando se aproximar dos animais, disse sorrindo aos condutores: «Minha mãe me recomendava ficar longe de quem não se confessa». Eles entenderam e responderam: «Essa é para nós, Dom Bosco. Quer dizer que

somos…». «Cristãos – interrompeu Dom Bosco –. Mas com pouca fé. Espero por vocês, e lhes garanto que ficarão contentes».

«Dom Bosco leu meu coração»

Era de noite, e eu estava ajoelhado perto de Dom Bosco para me confessar. Estava angustiado com coisas de consciência, não sabia como me expressar com Dom Bosco na confissão, e dizia para mim mesmo: «Se Dom Bosco, sem que eu lhe falasse, me dissesse: "Vá para a santa Comunhão", eu entenderia que devo desprezar todas essas inquietações». Mal tinha pensado isso, quando Dom Bosco me chama e diz: «Amanhã, vá tranquilamente fazer a santa Comunhão». Quis dizer mais uma palavra, mas Dom Bosco repetiu: «Não se inquiete com nada: vá para a santa Comunhão». E era exatamente o que eu tinha pensado e desejado.

O antigo aluno

Nos 38 anos em que tive a sorte de tê-lo como pai, mestre, diretor, sempre admirei em Dom Bosco o mesmo ardor pela salvação das almas. Não posso esquecer que na última vez que ele saiu para passear, um antigo aluno, tendo ouvido pelos jornais que Dom Bosco estava mal, quis encontrá-lo. «Meu caro – disse-lhe Dom Bosco – como vão as coisas?». «Mais ou menos – respondeu –, reze por mim». «E na alma, como você está?». «Procuro ser sempre um digno aluno de Dom Bosco». «Deus te recompense, reze também por mim. Recomendo-te a salvação da alma. Viva sempre como um bom cristão». E o despediu, abençoando-o.

João Batista FRANCESIA, sacerdote salesiano.

Seus testemunhos estão contidos no manuscrito do processo ordinário, cópia pública, folhas 1555-1771.